

Leitura e literatura: pesquisa em sala de aula, uma alternativa metodológica

Salete Rosa Pezzi dos Santos
Cecil Jeanine Albert Zinani
UCS



“A educação do leitor de literatura não pode ser, em vista da polissemia que é própria do discurso literário, impositiva e meramente formal. Como os sentidos literários são múltiplos, o ensino não pode destacar um conjunto deles como meta a ser alcançada pelos alunos.”

VERA TEIXEIRA DE AGUIAR
MARIA DA GLÓRIA BORDINI

Introdução

O ensino de literatura no nível médio tem despertado o interesse de estudiosos da área, bem como merecido uma série de reflexões a partir da problemática que envolve o papel da literatura, como se observa na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 e nos Parâmetros Curriculares Nacionais. No entanto, muito embora a legislação tenha promovido um apagamento significativo da disciplina, constata-se a existência de pesquisadores que buscam novos caminhos, renovando estratégias de abordagem para a questão. O objetivo é tornar a literatura não somente uma disciplina que possa funcionar como elemento transdisciplinar, na medida em que desenvolve competências e habilidades valiosas para outros campos de estudo, mas também, a partir de uma ótica cultural, transformá-la em fator de humanização e unificação em uma sociedade tecnológica e fragmentada.

Considerando-se a literatura uma modalidade de conhecimento do ser humano e do mundo, como também uma práxis social, torna-se relevante oportunizar ao educando condições para que ele perceba a importância dessa disciplina em sua formação integral. Acredita-se que uma forma de fazê-lo é através da problematização do fato literário e da possibilidade de encaminhar a solução por meio de um modelo que privilegie essa abordagem. Nesse trajeto, surge uma modalidade alternativa de investigação que se contrapõe aos moldes positivistas de base empírica, um modelo de trabalho muito utilizado em ciências sociais que é a pesquisa-ação, cuja renovação, no processo educacional, defende a atuação do professor e alunos como pesquisadores em sala de aula. Nessa função, o professor

detém as melhores condições de avaliar a prática docente, cujo resultado pode representar a melhoria do evento educacional, e os alunos podem participar ativamente do processo de ensino e aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento de sua autonomia.

Assim, o propósito deste trabalho é ensinar uma discussão sobre a relevância de utilizar aspectos da pesquisa-ação no ensino da literatura no ensino médio, a fim de contribuir para revitalizar a disciplina, acenando com a possibilidade de mudança na formação do educador e do educando, mudança essa que poderá ser concretizada a partir da capacitação humanística, técnica e científica dos recursos humanos envolvidos. Nesse sentido, torna-se imprescindível promover a literatura para que se torne, além de agradável e produtiva, uma possibilidade de reflexão sobre o ser humano e a sociedade.

Pensando o ensino de literatura

Na verdade, muito se tem discutido a respeito de crise no ensino da literatura. Para alguns, o problema situa-se no aluno que não lê, não tem maturidade para entender o fato literário, prefere dedicar-se a atividades mais atrativas, cujo apelo permanente encontra-se na mídia que envolve indiscriminadamente todas as pessoas. Para outros, o problema está no professor que não dispõe de um acervo de estratégias para o desenvolvimento do gosto pela leitura, não conhece suficientemente uma metodologia adequada ao ensino da literatura, ou mesmo, não frequenta com assiduidade os livros e a literatura. Outros, ainda, atribuem essa crise a fatores externos, tais como bibliotecas mal equipadas ou insuficientes, alto preço dos livros, pouco tempo para leitura.

No entanto, considerando-se que a civilização deste início de milênio é fundamentalmente letrada, é imprescindível que o ser humano tenha a sua disposição as ferramentas necessárias que lhe possibilitem a sobrevivência num mundo que depende da palavra escrita para a realização das ações mais triviais. Muito mais que executar ações rotineiras, a pessoa, continuamente, necessita tomar decisões que exigem pensamento reflexivo, raciocínio, conhecimento. Este último, basicamente, obtido através de duas fontes, ou seja, primeiramente, pela experiência direta, na qual é executada uma tentativa, e, quando adequada a resposta, a experiência é registrada como válida, caso contrário, é descartada e nova tentativa é realizada. Essa modalidade de aprendizagem, fundamentada no ensaio e erro, é interessante e provê a pessoa com experiências ricas e duradouras. A outra modalidade de enriquecer o universo pessoal é pela leitura, através da qual é possível desenvolver inúmeras habilidades, tais como, observação, comparação, seleção, análise e síntese, transposição de dados para outras situações. Evidentemente, a experiência direta também enseja o desenvolvimento dessas habilidades, no entanto, é mais limitada, pois a ocorrência de situações concretas depende inteiramente de uma relação de causalidade. Já na leitura, especialmente na ficção, a diversidade de situações é muito maior, possibilitando a aquisição de experiências múltiplas e variadas. Isso pode ser comprovado, por exemplo, por estudos realizados que remontam à literatura infantil.

Bettelheim (1980), em seu trabalho sobre a influência dos contos de fadas sobre a psique infantil, enfatiza a necessidade de fantasia para que a criança possa organizar seu mundo interior e promover a integração de sua personalidade. Como o infante, atualmente, está mais exposto ao bombardeio de informações nem sempre felizes, à solidão ocasionada por pais que exercem suas profissões fora de casa e ao isolamento que isso acarreta, ele necessita vislumbrar a possibilidade de que, apesar de “rejeitado e abandonado”, poderá dispor de ajuda para reencontrar seu lugar no mundo que o cerca. Bettelheim enfatiza que a criança precisa do “reasseguramento oferecido pela imagem do homem isolado que, contudo, é capaz de conseguir relações significativas e compensadoras com o mundo ao seu redor.” (1980, p.20). A obra literária parece cumprir, assim, um importante papel, pois, enquanto diverte o leitor, proporciona-lhe caminhos que o levam ao autoconhecimento necessário a sua formação como ser humano, à organização de sua personalidade. Também Zilberman e Magalhães (1982) discutem a necessidade de uma literatura emancipatória como elemento básico para a educação de um ser pensante e crítico. Ainda Zilberman e Silva (1988) assinalam que o ensino da literatura tem o compromisso de formar o leitor, através de atividades que proporcionam experiências com textos literários.

A literatura associada à leitura, enquanto forma de expressão, utiliza a linguagem verbal para a construção de um mundo coerente e compreensível que possibilita, em sua essência, a união da racionalidade da linguagem com a fantasia, sem perder de vista os universos do autor e do leitor. Isso remete a conjecturar sobre o caráter formativo da leitura do texto literário, na medida em que oportuniza a reflexão sobre o ser humano e sua circunstância, auxiliando-o a ter mais segurança diante de suas próprias vivências, o que justifica reconhecer como imprescindível a tarefa da escola de formar leitores. A mediação do professor na condução da leitura do texto literário pode determinar a constituição de um leitor produtor de sentidos, pois não basta decodificar o que está escrito na página, é necessário que o aprendiz, a partir de seu repertório de conhecimento, tenha a oportunidade de alargar seu horizonte de expectativas para poder tornar-se um apreciador da palavra artística. Por esse viés, viabiliza-se uma visão de ensino de literatura que transgredir o processo de respostas pré-determinadas para dar lugar a uma diversidade de alternativas possíveis em que o aluno se percebe um ser pensante e crítico. Se a escola visa à formação de indivíduos, então a literatura deveria ter um lugar de destaque nos currículos escolares pela potencialidade de transgressão que lhe é inerente. Entretanto, por fugir aos padrões tradicionais de ensino, a obra literária, freqüentemente, não é trabalhada em sua potencialidade artística, em especial, nas últimas séries do ensino fundamental, quando o professor de Língua Portuguesa não percebe a importância de seu papel como mediador, privando seu aluno da mobilização necessária para otimizar o processo de leitura do texto literário.

Ao pleitearem-se alternativas para o ensino da literatura, é importante retomar os conceitos de Engel (2000), que ressalta a importância da pesquisa-ação no ensino, pois essa modalidade de pesquisa pode configurar-se como uma alternativa para a necessidade de aperfeiçoar o processo de ensino em sala de aula. Desse modo, a mescla de teoria e prática pode tornar-se uma realidade para professores, auxiliando-os na solução de problemas, na medida em que eles se tornarem pesquisadores em suas salas de aula. Como as modalidades de pesquisa estão sujeitas à mudança, uma vez que o conhecimento é provisório e depende do contexto, a pesquisa-ação pode tornar-se uma ferramenta adequada ao desenvolvimento do ensino de literatura em sala de aula, pois ela apresenta flexibilidade para adequar-se a variantes e, nesse trajeto, pode oportunizar aos pesquisadores a ampliação de suas percepções.

Desse modo, devido à necessidade de interação das experiências de leitura, através da socialização de vivências – diálogo entre professor e aluno –, considera-se que a pesquisa-ação pode ser uma modalidade de ensino de literatura apreciável, uma vez que pode

promover ações que visem à emancipação de alunos e professores, partindo-se do pressuposto de que o processo educativo fundamenta-se no tripé ação/reflexão/ação. A proposta que contempla a metodologia da pesquisa-ação propõe a organização de um planejamento que prevê atividades a serem desenvolvidas pelo grupo, cujo acompanhamento deve ser feito através de observação e registros adequados para fornecerem subsídios de análise e reflexão. O processo reflexivo possibilita uma avaliação que determina ou a necessidade de replanejamento ou a possibilidade de avanço dos estudos, oportunizando uma trajetória de autonomia e emancipação tanto para o aluno quanto para o professor.

Nesse sentido, é importante mencionar a discussão de Thiollent (2002) sobre o assunto, o qual considera a pesquisa-ação como uma metodologia que envolve investigadores na captação dos problemas, na reflexão e na testagem de soluções. O resultado desse processo dialético é a criação de uma metodologia de cunho crítico, com apresentação de componentes conscientizadores e emancipadores, reforçando a idéia de que, aplicada à educação, a pesquisa-ação pode promover o aperfeiçoamento de professores e o aprimoramento do ensino. O autor afirma que a estratégia metodológica que orienta a pesquisa-ação tem em vista a interação entre os implicados na situação, interação essa responsável pela priorização dos problemas que requerem solução. O objeto de investigação é constituído por uma situação social e pelos problemas que a envolvem, e o seu objetivo consiste em resolver e/ou esclarecer as questões relacionadas à situação observada.

Todo o processo é acompanhado e não se restringe, apenas, a solucionar determinados problemas, mas também a ampliar o nível de consciência e de conhecimento dos grupos envolvidos. Ao apresentar os princípios que norteiam a pesquisa-ação, Thiollent (2002) enfatiza a utilização das formas de raciocínio e argumentação, princípios que fazem parte da lógica formal. Embora privilegie o lado empírico, também são enfatizados os pressupostos teóricos, sem os quais a pesquisa ficaria descaracterizada. Outro elemento inovador consiste no aspecto político e valorativo que constitui essa modalidade de pesquisa. Esse aspecto diz respeito à colocação do saber ao alcance de grupos, tendo em vista tanto a conscientização quanto o comprometimento com a ação coletiva. Portanto, a especificidade da pesquisa-ação está no fato de a produção de informação e conhecimento ser orientada pela função política de possibilitar a organização e a autonomia de ação do grupo.

Engel enfatiza a idéia de que a pesquisa-ação transforma a sala de aula em laboratório, e alunos e professores deixam de ser consumidores de pesquisas alheias para tornarem-se pesquisadores, produtores de conhecimento. Segundo o autor, “a pesquisa-ação é o

instrumento ideal para uma pesquisa relacionada à prática” (2000, p.183) e assinala características essenciais da pesquisa-ação voltada à aprendizagem, tais como: (a) a pesquisa deve ser um processo de aprendizagem para todos os envolvidos, superando a separação entre sujeito e objeto da pesquisa; (b) as estratégias e produtos terão validade para os envolvidos se houver apreensão e modificação de uma situação; (c) como é situacional, procura diagnosticar e resolver um problema, não se interessando por generalizações. No entanto, a repetição do estudo em diferentes situações com resultados semelhantes possibilita a enunciação de um resultado científico generalizável; (d) como a pesquisa-ação é auto-avaliativa, o processo é constantemente monitorado, e o *feedback* converte-se em redefinições e mudanças de rumo; (e) como é cíclica, essa pesquisa possibilita, através das fases finais, o aprimoramento das fases anteriores.

Uma proposta metodológica que privilegia a ação do aluno situa-o como centro do evento educacional. O papel do professor – também colocado como coordenador das atividades – consiste, dessa maneira, em deflagrar o processo, orientá-lo, promover *feedback* e propor o redirecionamento das ações quando necessário, a fim de que o conhecimento se torne uma produção coletiva pela qual todos são responsáveis. Considerando-se esses aspectos, a operacionalização de uma proposta metodológica para o ensino da literatura pode, então, consistir, depois de estabelecidos os objetivos que o professor-pesquisador deseja atingir, na organização com os alunos de uma discussão sobre livros, leitura e literatura, com a finalidade de verificar quais as idéias que circulam no grupo, suas necessidades e potencialidades, estabelecendo-se um diagnóstico sobre a situação desse universo. A partir da discussão, são eleitos alguns tópicos considerados importantes para a investigação, momento em que se determinam os objetivos do trabalho a ser desenvolvido. Na fase exploratória, após o diagnóstico, de acordo com Thiollent (2002), são definidas as estratégias metodológicas e planejadas as ações. Assim, escolhem-se as obras, organizam-se roteiros de leitura e estabelecem-se alguns procedimentos para a realização da investigação proposta. Com o levantamento das questões norteadoras da pesquisa selecionadas, torna-se imprescindível buscar subsídios em referencial teórico, disponível em diferentes áreas do conhecimento, o qual fornecerá elementos para elucidar possíveis dificuldades no andamento do trabalho. Uma vez que a troca de idéias e o debate são indispensáveis para o engajamento na atividade, o trabalho é desenvolvido em grupos, justificando-se a fundamentação da proposta nos princípios da pesquisa-ação, que supõe uma prática coletiva, em que o comprometimento pessoal é fundamental para a consecução dos objetivos.

Como forma de divulgação e avaliação do trabalho realizado, cada grupo apresenta, na modalidade que lhe

parecer mais adequada, os resultados obtidos, colocando-os em discussão no grande grupo. A avaliação é efetivada pelos alunos-pesquisadores e coordenada pelo professor, os quais levam em conta a realização de todas as etapas do processo, examinando-se, assim, a produtividade da leitura, a pertinência das questões de pesquisa, a adequação dos procedimentos realizados, a apresentação dos resultados, bem como a discussão plenária sobre a atividade efetivada. Com esses passos, é possível avaliar a maturidade alcançada pelo grupo em cada etapa da trajetória desenvolvida pelos alunos e pelo professor em sala de aula.

Considerações finais

Acredita-se que uma modalidade de trabalho com base nos princípios da pesquisa-ação seja uma das alternativas de abordagem da literatura em sala de aula, promovendo o aprimoramento de competências e habilidades relevantes para a vida prática. Dessa forma, a literatura torna-se, além de guardião do patrimônio cultural, uma possibilidade de dotar o ser humano de desenvolvimento afetivo, cognitivo e social, necessários para a integração da personalidade e socialização com qualidade de vida. Entretanto, para que

um processo de ensino dessa natureza alcance resultados apreciáveis, torna-se imprescindível o engajamento de um maior número de professores, pois, ampliando os programas de pesquisa-ação, eles poderão se tornar mais abrangentes e menos personalizados, conferindo-lhes maior validade.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. In: *Educação em revista*. Curitiba: UFPR, 2000. p. 181-191.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2002.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1981.
- ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982.
- ZILBERMAN, Regina; SILVA, E. T. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.